

# Uma visão particularíssima de Bion<sup>1</sup>

Jansy Berndt de Souza Mello,<sup>2</sup> Brasília

---

Resumo: A autora trabalhou como tradutora dos seminários clínicos de W. R. Bion em 1975 e 1978, conviveu com esse psicanalista e sua família quando moraram em Brasília por um mês e manteve correspondência com eles. Neste artigo, apresenta suas observações sobre esse contato intensivo com a psicanálise bioniana.

Palavras-chave: psicanálise, seminário clínico, supervisão, transferência, memória e desejo

Resolvi escrever um trabalho para esta jornada porque, de alguma forma, sentia-me em falta ante a memória de W. R. Bion, de quem acompanhei importantes momentos nas ocasiões em que estive no Brasil. Achei que seria interessante oferecer um testemunho daquilo que presenciei durante nossos encontros de trabalho.

Conheci Bion quando ele veio pela segunda vez ao Brasil. Vi-o apenas de longe, quando participei de algumas supervisões e conferências. Já em sua visita seguinte, quando ele decidiu passar um mês em Brasília, graças à iniciativa de Virgínia Bicudo, tive a oportunidade de organizar sua estadia naquela cidade, ficando encarregada de atividades que iam dos arranjos domésticos mais triviais à tradução dos seminários clínicos e conferências na Universidade de Brasília.

Desde aquela época, em 1975, mantive-me em contato com quase toda a família Bion, acompanhando passo a passo suas viagens e publicações. Uma

- 1 Trabalho apresentado no simpósio comemorativo dos 100 anos de nascimento de W. R. Bion, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), em 1997, e publicado no caderno do simpósio.
- 2 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UNB). Cofundadora da revista *Alter*. Ex-membro efetivo e analista de didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

simpática fantasia de W. R. Bion ganhou expressão em sua escrita quando ele me agradeceu pela remessa de um livro sobre pássaros, que eu lembrava interessarem-lhe em especial. (Quem sabe foi devido a esse interesse que um dos personagens da sua trilogia *Uma memória do futuro* se chamou Robin [tordo]? Ou seria Robin apenas o anagrama do seu nome, R. Bion?) Em sua carta, Bion referiu-se à suposição de ser uma “personalidade adastral”,<sup>3</sup> porque o livro sobre pássaros o alcançou inicialmente como uma encomenda anônima, um encontro com a sorte.

O período sobre o qual pretendo me estender é o da sua última viagem ao Brasil, em abril de 1978, porque foi apenas nessa ocasião que pude perceber que havia algo muito especial sendo comunicado através de recursos não verbais e que corria em paralelo ao conteúdo manifesto das falas de Bion. Até então, apesar de dona Francesca referir-se frequentemente à enorme capacidade de improviso de Bion, eu havia observado (por ter ficado como intérprete ao seu lado durante alguns jantares e recepções) que ele ensaiava antes, em suas conversas (comigo ou com quem estivesse ao seu lado), o que diria mais tarde, durante a conferência. E foi por isso que, no início, ele me parecia ser, simplesmente, um velho psicanalista, um tanto repetitivo, que praticava uma espécie de biomisticismo apocalíptico.

Bion se servia de um caminho que me parecia desnecessariamente complexo para expressar uma atenção pessoal. Foi assim que, após um seminário no qual me senti atrapalhada para traduzir o bate-boca entre dois analistas (eu me vira tentada a omitir trechos das falas, ou a atenuar-lhes o tom belicoso...), ele me chamou de lado e, quase sussurrando, recomendou-me o nome de um livro. Descobri bem mais tarde que se tratava da história de Richard Sorge, um espião que, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou para a Rússia no Japão, onde foi preso e fuzilado como traidor.

Percorrendo o livro por alto, bastante desapontada, nada encontrei que me servisse para relacioná-lo ao que havia se passado durante o seminário. Mas, na orelha do livro, algo que talvez sintetizasse o espírito do texto chamou minha atenção. Ali, Sorge era descrito como pessoa que traiu os amigos e abandonou a pátria porque pretendia manter-se fiel a uma única verdade. Teria Bion escolhido aquele caminho para me convidar a fazer-lhe a tradução completa da briga, sem tantas hesitações? Seria, mesmo, essa a fidelidade requerida?

Já em 1978, em São Paulo, pude dedicar-me à tradução de uma maneira nova, como não havia ocorrido em Brasília. Foram 49 seminários clínicos aos quais assisti em sucessão, concentrados nas duas primeiras semanas de abril:

3 “At first, I thought I must have an adastral (?) personality who had far more sense in books than I had given it credit for!” (9/10/1977). A palavra *adastral* não consta dos dicionários que possuo, mas fui lembrada de uma frase latina – “per aspera ad astra” – que, segundo descobri, era o lema da Real Força Aérea Britânica (RAF): “por ásperos caminhos até alcançar as estrelas”. No entanto, não sei como melhor traduzir “adastral personality”.